

As raízes do Brasil estão na sua mineração

José Mendo Mizaél de Souza



No tempo do Brasil Colônia, a reação da população ao Quinto cobrado pela Coroa portuguesa como imposto sobre a produção de ouro fundido (1557), extraído do subsolo das Minas Gerais pelos chamados mineiros, gravou nos brasileiros o sentido de nação e o ideal de liberdade.

Por seu turno, foi também a mineração, no ciclo do diamante, que proporcionou talvez a mais notável emergência de uma mulher negra e escrava da História do Brasil, Chica da Silva, o que certamente inspirou muitos brasileiras e brasileiros, em especial, aqueles de populações marginalizadas.

Na Segunda Guerra Mundial, pelos chamados Acordos de Washington, o Brasil constituiu seus gigantes da mineração e da siderurgia, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Posteriormente, foi criada outra gigante da mineração do País, a Petrobras.

Nos Anos JK ocorreu a aceleração da urbanização e da industrialização brasileiras, o que trouxe à cena os minerais não ferrosos e os não metálicos, hoje expressivos contingentes da Produção Mineral Brasileira (PMB). Mais recentemente, o chamado “apagão” colocou, para todos os brasileiros, a percepção da importância da energia para o bem-estar da sociedade, valorizando os bens minerais denominados energéticos, como o petróleo, gás natural e o carvão mineral. O sucesso extraordinário do nosso agronegócio está, agora, fazendo despontar o calcário, como corretivo de solo, e os fertilizantes, todos bens minerais. Por sua vez, os nossos déficits de moradia e de infraestrutura estão colocando em destaque os agregados para a construção civil – areia e brita. E nosso esforço exportador tem propiciado ao País perceber o quanto suas rochas ornamentais são importantes, bem como sua água mineral. O quadro, na página anterior, mostra a percepção dos brasileiros quanto a seus minerais, conforme pesquisa de opinião promovida pelo Ministério de Minas e Energia (MME) – Secretaria

de Minas e Metalurgia (SMM) e pelo Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), concluída em fevereiro de 2002.

No corrente ano de 2004, com um governo federal que tem, cada dia mais, enfatizado a inclusão social, ou seja, a qualidade de vida, vale lembrar dois marcos sociais da mineração na Amazônia, para citarmos apenas esses: o fato de ter sido a mineração, pela Icomi no Amapá, quem construiu a primeira estação de tratamento de esgoto da Amazônia, e, graças a um extraordinário trabalho de saneamento, quem propiciou a uma cidade do interior do Brasil - Serra do Navio - índices sociais melhores do que os de Nova York à época; e a mineração no município de Presidente Figueiredo, no Estado do Amazonas – Mineração Taboca, da Paranapanema –, ter sido quem reverteu a tendência à extinção de tribo indígena, os Waimiri-Atroari, mediante cuidados médicos, remédios e alimentos fornecidos pela mineração.

Impressionante, também, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG), no chamado Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais, o fato de ter sido a mineração quem preservou as áreas florestadas que hoje são avidamente procuradas para moradia e sinônimo de qualidade de vida, fazendo, por exemplo, com que o município de Nova Lima – importante produtor de ouro e de minério de ferro – seja considerado um dos melhores do Estado para se morar. Quando nós constatamos que a área da Mata do Jambreiro, preservada pela MBR, é equivalente a Belo Horizonte que se encontra “dentro da Avenida do Contorno”, fica evidente o quanto a mineração foi, tem sido e será importante para Minas Gerais e para o Brasil.

O Brasil é um país mineiro, mas, interessante, não se percebe como tal. Em nossa opinião, tal fato tem a ver com a maneira pela qual o ciclo do ouro tem sido ensinado em nossas escolas, apresentado mais como exploração colonial do que com sua qualidade de fazedor da democracia no Brasil, construtor do nosso ideal de liberdade e implementador da nossa organização e ação estatal, forjando nossa visão de Nação, qualidades essas que o nosso País deve, sem sombra de dúvida, à atividade mineradora. E talvez daí advenha nossa visão equivocada de ser a mineração uma indústria meramente extrativa, primária, “de colonizado ou de subdesenvolvido”, quando sabemos ser ela o alicerce do desenvolvimento sustentável – em seus três aspectos: ambiental, econômico e social – e da construção de países hoje entre os mais desenvolvidos do mundo, como, por exemplo, Austrália, Canadá e Estados Unidos.

Mas não podemos nos esquecer de que essa extraordinária mineração brasileira é fruto de mulheres e homens que a construíram, aos quais cabe-nos homenagear e destacar sempre, por justiça e como exemplo para as novas gerações.

Solicita-nos a revista *Minérios & Minerales* nomeá-los, tarefa impossível de ser cumprida, não só por nossas limitações pessoais, como pela, felizmente, imensa quantidade de pessoas que podem ser relacionadas. E, também, porque, ao fazê-lo, certamente iremos omitir - até pela exiguidade do espaço - pessoas mais do que merecedoras de uma citação, às quais antecipadamente pedimos nossas desculpas e a seus familiares sua compreensão e perdão pela eventual omissão de figuras que lhes são tão emblemáticas e queridas.

Assim sendo e enfrentando o risco de cometer injustiças, porque os pilares da mineração brasileira foram muitos, pelo que é praticamente impossível enumerá-los todos e tê-los colocados no contexto correto e adequado, decidimos, preliminarmente, citar só aqueles já falecidos, embora muitos dos ainda vivos e em atividade merecessem também ser citados.

Parece-nos, pois, adequado iniciar as citações e a enumeração com o imperador Dom Pedro II, que, com sua visão da importância da educação e do ensino para o desenvolvimento da mineração brasileira, trouxe Henri Gorceix para criar, em 1876, a Escola de Minas de Ouro Preto, alma maior do ensino da geologia, da mineração e da metalurgia no País. Nessa citação, deve ser também lembrada a figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, grande estimulador do estudo das chamadas, até hoje, “riquezas minerais” do País.

Antes deles, no Brasil, os bandeirantes, aqui homenageados na pessoa de Fernão Dias Paes Leme, que na procura de minerais - ouro e pedras preciosas - semearam cidades e levaram o Brasil praticamente aos contrafortes dos Andes, pioneiros de todos nós que nos dedicamos à mineração brasileira. Com os bandeirantes estamos na última década do século XVII, quando “centenas de jazidas de ouro de aluvião começaram a ser descobertas em rápida sucessão nos córregos e ribeirões de Ouro Preto, Mariana, Sabará e Caeté, causando o primeiro grande rush minerador da história do Brasil”. Em 1729, foi comunicada ao rei de Portugal, D. João V, a descoberta de diamantes também na Capitania das Minas Gerais.

Em seguida, vem o que poderíamos chamar de época do ferro e da siderurgia, já no século XX, embora a tentativa de produção de ferro em escala comercial tenha ocorrido pela primeira vez em nosso País em 1597, por Afonso Sardinha Filho, perto de Sorocaba (SP), valendo lembrar que José de Anchieta, em sua Carta de Piratininga, em 1554, já fazia referência à descoberta de minério de ferro pela expedição de Francisco Espinosa, no ano anterior.

“Em Minas, segundo Eschwege, o ferro foi fabricado pela primeira vez no início do século XVIII, por dois escravos: um em Antonio Pereira e outro no Infeccionado”.

Se considerarmos a Fábrica de Ferro de São João do Ipanema, perto de Sorocaba, a primeira corrida de ferro fundido no Brasil ocorreu em 1818. Dessa época, nomes como Varnhagem e Wilhelm Von Eschwege, esse em Minas, na Fábrica Patriótica, que forjou seu primeiro ferro em 1812, fábrica esta que operou com 20 escravos e teve sucesso até 1822.

Nos tempos mais recentes, quando dos já referidos Acordos de Washigton que resultaram na criação da CVRD e da CSN, destaca-se Getúlio Vargas, que, juntamente com Juarez Távora, em 1934, nacionalizou a mineração brasileira, com a criação da dicotomia solo-subsolo, e conferiu o subsolo à Nação, respeitados os direitos adquiridos, consubstanciados nos manifestos, especialmente nos Manifestos de Mina: e criaram o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Em 1954, o Congresso Nacional, acolhendo proposta de Getúlio Vargas, estabeleceu o monopólio do petróleo no Brasil e criou a Petrobras. Em 1969, Artur da Costa e Silva criou a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM).

Falando em DNPM, orgulho de todos nós e que ora celebra 70 anos adquirindo musculatura para vencer os desafios que tem pela frente, nos vem à mente nomes de diretores gerais como Luciano Jacques de Moraes, Mário da Silva Pinto, Glycon de Paiva e Francisco Moacyr de Vasconcellos, para citar apenas esses.

No governo federal, nos anos recentes, vale destacar os ex-ministros de Minas e Energia João Agripino e Antonio Aureliano Chaves de Mendonça; Sidônio Cardoso Naves, o primeiro secretário de Minas do MME; José Fiúza de Magalhães, o grande batalhador e promotor do Geimi – Grupo Executivo da Indústria de Mineração; e na Tecnologia Mineral, Gildo de Araújo Sá Cavalcanti Albuquerque, ex-diretor do Centro de Tecnologia Mineral do Ministério da Ciência e Tecnologia (Cetem).

São muitos ainda os nomes que nos vêm à mente quando se trata de vultos da geologia e da mineração no Brasil, os quais passamos a relacionar, sem, naturalmente, termos a pretensão de elencá-los todos: Alberto Erichsen, Alberto Jackson Byington, Alberto Jackson Byington Júnior, Avelino Inácio de Oliveira, Emílio Alves Teixeira, Eugen Hussak, Eusébio Paulo de Oliveira, Evaristo Penna Scorza, Francisco de Paula Oliveira, Gabriel Mauro, João Pandiá Calógeras, John Casper Branner, José Santos Filho, Juliano Peres Barbosa, Luiz Felipe Gonzaga de Campos, Luiz Flores de Moraes Rego, Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa, Olávio Barbosa, Othon Henry Leonardos, Orville Derby, Paulo Miguel Bohmoletz, Patrício Galdeano, Pedro Demóstenes Rache, Rui Ribeiro Franco, Sylvio Froes Abreu, Victor Leinz e W. Kegel.

Considerando o bem mineral, alguns nomes também se destacam no meio de tantos pioneiros ou líderes que já nos deixaram.

Assim, no minério de ferro, Francisco José Pinto de Souza, Henrique Guatimosim, John Van Nostrand Dorr II, José Alves, Benedito Alves, Israel Pinheiro, Demerval José Pimenta, Francisco de Assis Fonseca Filho, Raimundo Mascarenhas, Amynthas Jacques de Moraes, Percival Farquhar, Augusto Trajano de Azevedo Antunes - este também, e especialmente, no manganês-, Iphygênio Soares Coelho e Jacques Sidney Porto; no ouro, George Chalmers, Fernando Melo Viana, Horácio Carvalho, Mário Ferreira, Paulo César de Moraes Sarmiento e Júlio Mourão Guimarães; no carvão mineral, Roberto Gabizo de Faria, também um pioneiro na pesquisa, por empresa privada, de petróleo no Brasil, anos antes da constituição da Petrobras; no petróleo, Carlos Walter Marinho, Irnack Carvalho do Amaral e Ernesto Geisel; no nióbio, Djalma Guimarães e Walter Moreira Sales; no fosfato, Paulo Abib; no cobre, Francisco Pignatari; no estanho, Octávio Lacombe, Gastão Lobosque Neves e Cássio Souza Melo; na bauxita, Américo René Gianetti; na água mineral Edson Queiroz; no calcário, José Ermírio de Moraes, os Oliva e os Meireles, Sebastião Camargo e Juventino Dias; na magnesita, Antonio Mourão Guimarães, Hélio Pentagna Guimarães e Sócrates Mariani Bittencourt; no zinco, Domicio Gondim; nos agregados, **Jorge Séguin** e Vicente Mateus; o criador dos cursos de Geologia do Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira; na scheelita, Dario Pereira e Thomaz Salustino; e tantos e tantos outros, a quem somos eternamente gratos.

E, finalmente, cumprimentando a Minérios & Minerales pela feliz iniciativa de reviver a mineração brasileira na pessoa dos seus pioneiros, convidamos todos aqueles que possam contribuir para melhor completar a relação acima, que nos enviem pelo e-mail do Ibram (ibram@ibram.org.br) nomes que, a seu ver, devem ser citados, por terem enriquecido a nossa Indústria Mineral, o que antecipadamente agradecemos.

Fonte: Revista Minérios e Minerales - Edição 277